BÚSSOLA

Para quem sabe onde quer chegar

Ano 01 - Edição n.º 11

outubro/2026



QUANDO SERVIR DEIXA DE PESAR

Há pedras que só saem quando muitos empurram juntos.

Entrevista

William

Quem serve entendendo cada passo.

Conheça a história de um coordenador que faz da compreensão, da dedicação e do canto uma forma de servir.

Personalidade

Chico Xavier

O Servo que Não Cobrou

Coordenadas Doutrinárias

Servir com Consciência

Eventos – Avisos – Norte para o mês

ITINERÁRIO

O Destaque da Capa ..... **Pág 12**

COORDENADAS | A base doutrinária da nossa prática.

> Servir com Consciência

Quando servir deixa de pesar

JORNADA DO TRABALHADOR ..... **Pág 03**

Quadrinhos do Peregrino ..... Pág 04

A frase que caminha ..... Pág 10

Norte para o mês ..... Pág 11

O mapa Você está aqui... ..... Pág 14

PERSONALIDADES ..... **Pág 15**

Chico Xavier - O Servo que Não Cobrou

ALMA DA CASA . ..... **Pág 17**

Entrevista com William - Quem serve entendendo cada passo

SECRETARIA INFORMA

Eventos / Cursos ..... Pág 22

Aniversariantes do Mês ..... **Pág 24**

JORNADA
DO TRABALHADOR



ESPIRITISMO VIVIDO

Uma caminhada construída passo a passo

CEDAN

JORNADA DO TRABALHADOR

Espiritismo vivido

Fase 01: O Despertar
12.2025 - O chamado







Fase 01: O Despertar
01.2026 - Consciência espiritual



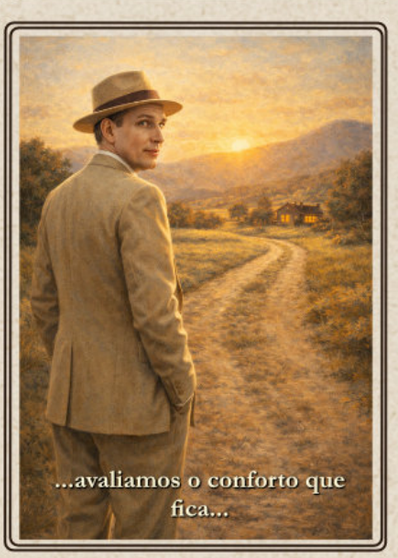


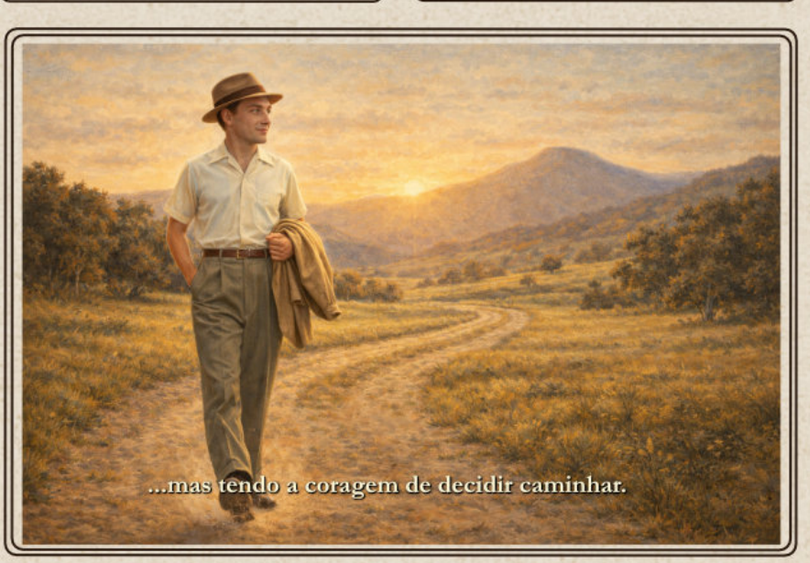






Fase 01: O Despertar
02.2026 - A escolha





JORNADA DO TRABALHADOR

Espiritismo vivido

Fase 02: Compromisso
03.2026 - Disciplina com Sentido







Fase 02: Compromisso
04.2026 - Responsabilidade Moral



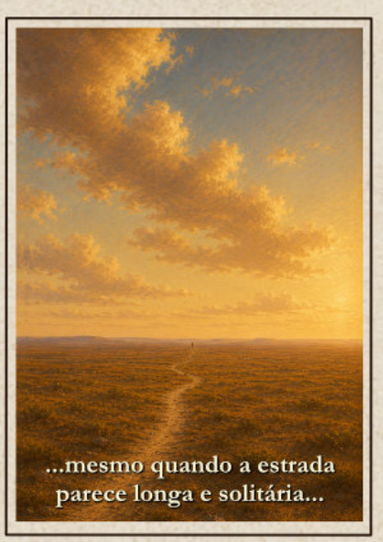






Fase 02: Compromisso
05.2026 - Constância no Bem





JORNADA DO TRABALHADOR
Espiritismo vivido

Fase 03: Conscientização
06.2026 - Pensar, Sentir e Agir



Nos meses anteriores, ele havia parado por cansaço, por obstáculos, por companheiros que precisavam de ajuda. Desta vez, parou porque quis. Porque algo naquela água quieta dizia que havia chegado a hora de olhar para um lugar que ele havia evitado durante toda a caminhada.



Por um momento, ele pensou em se levantar. Afinal, havia quilômetros pela frente. Havia compromissos, escalas, companheiros esperando. Era muito mais fácil continuar andando do que ficar parado diante de algo que não tinha solução rápida. A trilha chamava. O reflexo esperava.



Ele não sabia o que fazer com o que via. Não havia manual para esse momento, nenhuma escala a cumprir, nenhum companheiro para pedir ajuda. Havia apenas ele, o lago e a decisão mais difícil da caminhada até então: não fugir de si mesmo.



Ele esperava ver o céu refletido na água. Viu a si mesmo. E no seu rosto... claro, cristalino, sem escapatória, havia algo que ele achava ter deixado para trás na mochila. O lago não mentia. Era exatamente por isso que dava medo olhar.



A água estava fria. Ele lavou o rosto duas vezes — não para apagar o que havia visto, mas para honrá-lo. Porque aceitar quem se é não é desistir de melhorar. É o único ponto de partida que funciona de verdade.

Fase 03: Conscientização
07.2026 - Autoconhecimento em Ação

Ele havia aprendido, no lago, a reconhecer o que carregava por dentro. Mas a vida não esperou que ele terminasse de processar tudo isso. Raramente espera. A tempestade não pediu licença, chegou como sempre chega: quando o céu ainda parecia azul o suficiente para não se preocupar.



JORNADA DO TRABALHADOR

Espiritismo vivido



A chuva não doía. O que doía era saber que havia um lugar seguro logo atrás — e que ele estava escolhendo não ir até lá. Naquele momento, entendeu algo que nenhum livro havia conseguido explicar: a tempestade não estava caindo sobre ele. Estava caindo dentro dele.



Abrigar-se não era desistir. Era o que havia de mais sensato a fazer naquele momento — esperar, respirar, deixar a tempestade falar. Porque ela tinha algo a dizer. As tempestades sempre têm. E quem sai correndo antes de ouvir, perde a mensagem mais importante da caminhada.



Ele não sabia que carregava uma lanterna. Ou sabia, mas havia esquecido. Foi preciso a tempestade chegar, a trilha sumir na escuridão e o abrigo se tornar o único lugar possível — para que ele abrisse a mochila e encontrasse, bem no fundo, o que havia estado lá o tempo todo. A luz não veio de fora. Nunca vem.



Ela passou. Como todas as tempestades passam — sem pedir desculpas, sem explicar o porquê, sem perguntar se você estava pronto. Mas deixou algo para trás: uma estrada mais limpa do que antes, um Peregrino mais honesto do que antes, e uma lanterna que ele agora sabia onde encontrar.



Ele havia atravessado a tempestade. Havia encontrado a lanterna. Havia saído do outro lado mais honesto do que entrou. Mas a subida de Agosto era diferente — as pedras molhadas não perdoavam, e a mochila, que já pesava antes da chuva, parecia ter absorvido o peso de tudo que ele ainda não havia soltado. A montanha não havia colocado aquela pedra no caminho. Ela simplesmente revelou o que ele já trazia.



Ele poderia ter continuado. Desengatado a mochila, reajustado as alças e seguido subindo — como havia feito tantas outras vezes. Mas o lago de Junho havia ensinado que parar para olhar não era fraqueza. E a tempestade de Julho havia mostrado que o que se carrega por dentro pesa mais do que qualquer pedra. Então ele parou. E abriu a mochila.

Fase 03: Conscientização
08.2026 - Reforma íntima possível

JORNADA DO TRABALHADOR

Espiritismo vivido

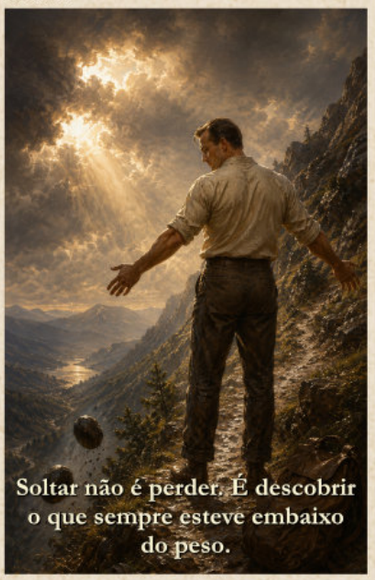
Fase 04: Testemunho

09.2026 - Viver o Evangelho nas Relações



Ele as reconheceu imediatamente — não porque fossem novidade, mas porque eram antigas. O Orgulho, que por tanto tempo pareceu força. O Melindre, que por tanto tempo pareceu sensibilidade. Dois pesos que haviam servido no seu tempo — mas que agora, na subida de Agosto, só faziam a mochila travar.

Ele esperava que fosse difícil. Que houvesse resistência, dor, algum custo visível. Mas as pedras simplesmente... foram. Como se já estivessem esperando para ser soltas. E enquanto elas rolavam morro abaixo, ele entendeu o que a Doutrina havia tentado lhe dizer o tempo todo: a reforma íntima não dói porque é errada. Dói, às vezes, porque abrimos mão de algo que confundimos com nós mesmos





A montanha era a mesma. A trilha era a mesma. Mas o Peregrino que subia agora era outro — não porque havia se tornado perfeito, mas porque havia se tornado honesto. E havia descoberto, naquela tarde de céu aberto em Agosto, que a leveza não é a ausência de mochila. É saber exatamente o que há dentro dela.



Com a mochila leve, subir ficou fácil. E a facilidade trouxe uma tentação nova: a de olhar só para o topo. Ele caminhava depressa, de olhos erguidos, certo de que o melhor da Jornada estava lá no alto.



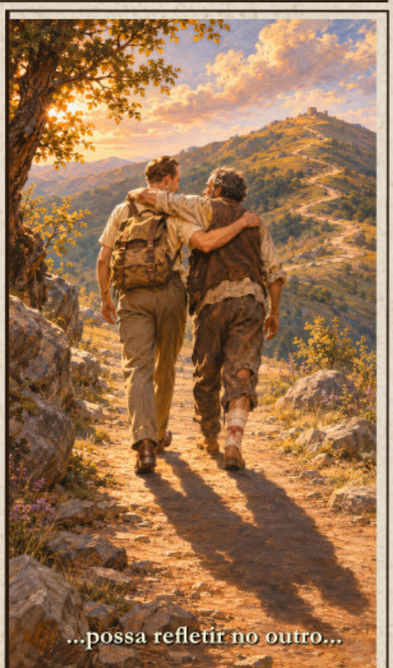
Ninguém o viu hesitar. Não havia plateia, nem guia, nem escala para cumprir. O topo continuava lá, e a pressa também. Mas diante de quem estava caído, ele entendeu que a pergunta não era se o outro merecia ajuda. A pergunta era quem ele escolhia ser quando ninguém olhava.



Ele tinha pouca água, e a subida ainda era longa. Mesmo assim, ofereceu. Descobriu que dividir não esvazia o cantil, mas esvazia a pressa. Naquele instante, o topo deixou de ser a única direção que importava.



Levantar o outro pesava mais do que qualquer pedra que já havia soltado. Mas era um peso diferente: aquele não travava a subida. Aquele a mudava. Ele entendeu que a leveza de Agosto não era para ele andar sozinho mais depressa. Era para ter força de sobra quando alguém precisasse.



Ele tinha pouca água, e a subida ainda era longa. Mesmo assim, ofereceu. Descobriu que dividir não esvazia o cantil, mas esvazia a pressa. Naquele instante, o topo deixou de ser a única direção que importava.

JORNADA DO TRABALHADOR
Espiritismo vivido

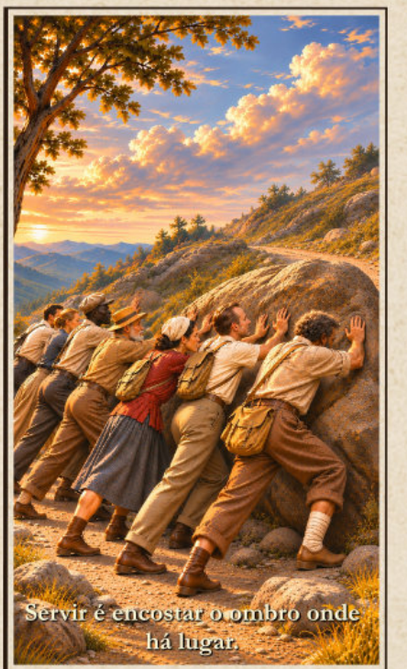
Fase 04: Testemunho
10.2026 - Servir com Consciência



Em Setembro, ele havia parado para um. Agora, olhando em volta, percebeu que a trilha estava cheia de gente. Cada um com a sua mochila, o seu passo e a sua história. E ele já não caminhava no meio deles como um viajante solitário.



A pedra não era um obstáculo para um. Era para todos. E cada um tentou, a seu jeito, movê-la sozinho. Ninguém conseguiu. O Peregrino, que já havia aprendido o que era soltar pesos, entendeu que aquele era de outra natureza: um peso que só se carrega dividindo.



Ele não se colocou à frente, e ninguém lhe pediu isso. Apenas apoiou o ombro onde havia lugar. Percebeu que o serviço de verdade não começa com um discurso, mas com um gesto: o de se colocar ao lado, sem precisar ser o primeiro nem o mais forte.



O peso era o mesmo. A pedra, a mesma. Mas as mãos calejadas já não doíam. Quando o esforço é dividido e o sentido é compartilhado, o que pesava vira alegria. Ele nunca havia empurrado nada com tanta força, e nunca havia se sentido tão leve.



Quando a pedra rolou, ninguém perguntou quem a havia movido. Ela não era de ninguém: era do grupo. E ele entendeu que servir já não era algo que fazia, mas algo que se tornara. O trabalho havia deixado de ser dever e passado a ser o seu jeito de ser.

Fase 04: Testemunho
11.2026 - Espiritismo vivido

A FRASE QUE CAMINHA

O sentido completo só aparece para quem fica até o fim





NORTE PARA O MÊS

Uma bússola para o coração



Se eu, que sou o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros.

Jesus - O Lava-pés (João 13:14)



COORDENADAS

A base doutrinária da nossa Jornada

Nesta edição:

Servir com Consciência

Quando Servir Deixa de Pesar

O Peregrino já não caminha só.

Em Setembro, ele parou diante de um viajante caído, dividiu a água e seguiu devagar, no ritmo de quem mais precisava. Agora, em Outubro, a trilha lhe mostra algo novo: há pedras grandes demais para empurrar sozinho, e há muitos outros ao lado dele, de ombros prontos, esperando o mesmo.

Bem-vindo ao mês de Servir com Consciência.

O Serviço que Pesava

Quase todo trabalhador conhece o serviço que pesa. Aquele que se cumpre por hábito, por obrigação ou por medo de faltar, e que deixa, ao fim do plantão, uma sensação de dívida paga em vez de alegria. A escala vira cobrança. O crachá vira peso. E o servir, que nasceu como chamado, passa a parecer sacrifício.

Não é falta de fé. É, muitas vezes, apenas o cansaço de quem serve sem saber, de fato, por quê.

A Jornada propõe outro caminho. Não o de servir mais, mas o de servir melhor, com consciência. Entender o que se faz, a quem se serve e o que, dentro de nós, o serviço está construindo. Quando isso acontece, o peso muda de natureza: o trabalho continua o mesmo, mas deixa de ser um fardo e passa a ser expressão do que somos.

Os Trabalhadores da Última Hora

O Evangelho Segundo o Espiritismo, no Capítulo XX, traz a parábola dos trabalhadores da vinha, e ela cabe como lente para este mês. O dono da vinha contrata trabalhadores em horas diferentes do dia. Alguns chegam de manhã cedo, outros ao meio-dia, e há quem chegue quase ao fim da tarde. No pagamento, todos recebem o mesmo.

Porque servir com consciência não É SERVIR MAIS. É saber por que se serve, e a quem.

Os primeiros reclamam. Afinal, fizeram mais. Mas a parábola não está falando de contabilidade. Está falando do sentido do trabalho: quem serve para receber mais vive medindo. Quem serve porque entendeu a obra percebe que o maior pagamento é ter sido chamado.

É a mesma lógica que sustenta a nossa Jornada. Aqui não há primeiros nem últimos, não há ordem de chegada. O reconhecimento não celebra quem fez mais, e sim quem permaneceu caminhando. Servir com consciência é, em grande parte, deixar de comparar o próprio serviço com o do outro.

A Pedra que Só Sai em Conjunto

No caminho do Peregrino, em Outubro, aparece uma pedra enorme bloqueando a trilha de todos. Sozinho, ninguém a move. Por isso, vários caminhantes se juntam, e ele não lidera: empurra junto, com força, ao lado dos outros.

Na Casa Espírita, a imagem é concreta. O atendimento que acolhe, o evento que se organiza, a limpeza feita em silêncio, a escala cumprida, o treinamento frequentado, o apoio a quem está cansado. Nenhuma dessas tarefas move a pedra sozinha. Todas, juntas, abrem o caminho para quem vem atrás.

E é aí que o serviço deixa de pesar. O peso continua existindo, a pedra continua grande. Mas quando o esforço é dividido e o sentido é compartilhado, o que pesava vira alegria.

Servir com consciência é perguntar, antes e depois da tarefa: o que este trabalho está fazendo de mim? O trabalhador que passou pela Fase 03, que se olhou no lago, atravessou a tempestade e soltou os pesos que carregava, serve de outro jeito. Serve com mais leveza e com menos necessidade de provar alguma coisa. Seus gestos já não dependem de plateia. E é por isso que contam.

Outubro nos convida a uma pergunta honesta, sem julgamento: “Meu serviço nasce do amor ou da obrigação? E o que ele está construindo em mim?” A resposta não precisa ser perfeita. Precisa ser verdadeira.

Próxima parada: Espiritismo Vivido. Novembro nos pergunta o que dessa caminhada já faz parte de nós.

VOCÊ ESTÁ AQUI...

Latitude: Outubro | Altitude: A Pedra que Só Sai em Conjunto

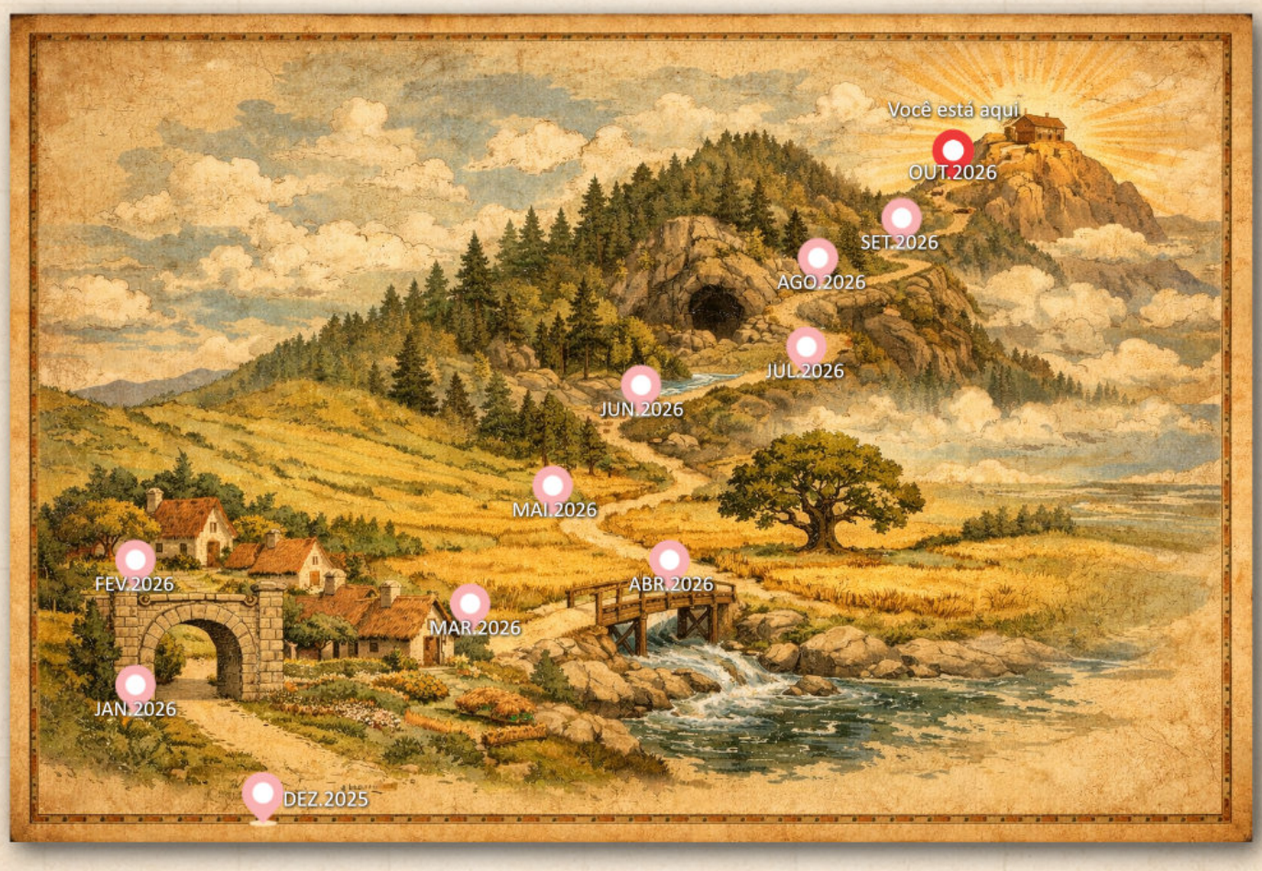
O Peregrino já não caminha só.
Em Setembro, a trilha nos ensinou a parar diante de um. Dividimos a água, oferecemos o ombro e descobrimos que a luz só cumpre o seu destino quando alcança o outro. Era o primeiro passo da Fase 04, e foi um passo pequeno, silencioso e sem plateia.

Outubro continua o mesmo caminho, mas com mais gente nele.
A trilha agora é cheia de companheiros. Alguns carregam mochilas leves, outros carregam mais do que aparentam. E, bem no meio do caminho, há uma pedra enorme que bloqueia a passagem de todos. Ninguém consegue movê-la sozinho. Por isso, o Peregrino não lidera nem se destaca. Ele se junta aos outros e empurra ao lado deles, com força e sem pressa.

É aqui que aprendemos algo que nenhum estudo ensina sozinho: o serviço que pesava deixa de pesar quando é dividido. O trabalho continua o mesmo, a pedra continua grande. Mas as mãos calejadas já não doem, e o esforço, quando tem sentido, vira alegria.
Servir com consciência não é servir mais. É saber por que se serve, a quem se serve e o que, dentro de nós, esse serviço está construindo.

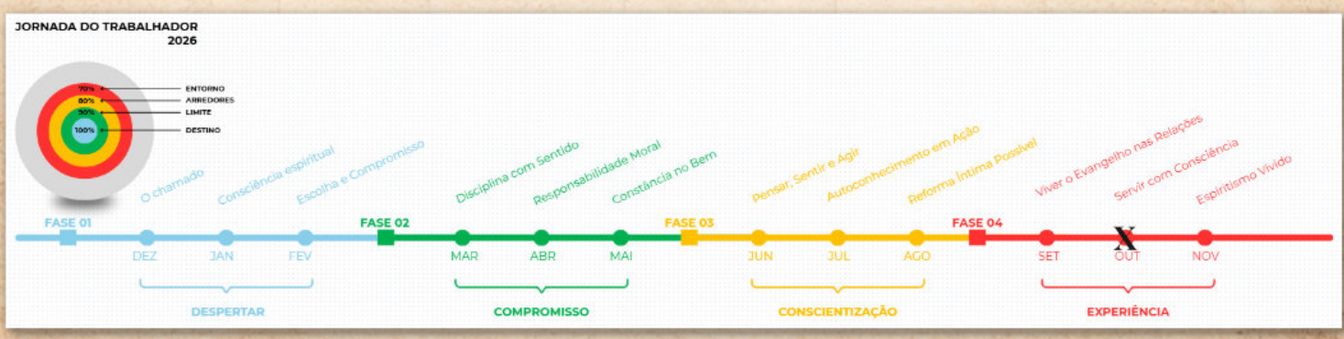
Este é o penúltimo mês da Jornada. Daqui para a frente, o que falta é menos o que fazer e mais o que já nos tornamos.
Olhe para as suas mãos. Elas contam a caminhada.

Próxima parada: Espiritismo Vivido.
Em Novembro, a trilha chega ao seu destino, e cada um descobre o que dessa caminhada já faz parte de si.



JORNADA DO TRABALHADOR

Acompanhe todas as paradas



Personalidades

Chico Xavier

O Servo que Não Cobrou



A Origem — O Menino de Pedro Leopoldo

Quando Francisco Cândido Xavier nasceu, em 2 de abril de 1910, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, nada indicava que aquele menino de família simples se tornaria um dos nomes mais conhecidos do Espiritismo no mundo. Estudou apenas o curso primário. Perdeu a mãe aos cinco anos. Cresceu entre dificuldades, trabalhou cedo, foi balconista de armazém e funcionário público e, mais tarde, conviveu com problemas de saúde que o acompanharam por décadas.

Mas desde muito pequeno havia nele algo que as dificuldades não apagavam. Via a mãe desencarnada, ouvia vozes que o confortavam e sentia a presença de amigos invisíveis até nas tarefas da escola. O pai chegou a achar o filho estranho. Ele, porém, seguia sendo o menino bom, de oração sincera, que via no trabalho precoce, como dizia, uma bênção.

Foi nessa infância que nasceu uma das marcas mais fortes da sua fé. Contava que, ao ver a mãe desencarnada pela primeira vez, perguntou se tinha sido Jesus quem a mandara buscá-los, e ela sorriu e confirmou. Quando o pai casou de novo e a madrasta o chamou para junto dela, ele repetiu a pergunta. Ela não soube responder, e o menino, com a certeza de quem não duvida, disse que sim, que fora Ele. Para Chico, Jesus nunca foi uma ideia distante: era um protetor poderoso e bom, sempre perto.

Em 7 de maio de 1927, participou da sua primeira reunião espírita. No mês de julho daquele mesmo ano, aos 17 anos, iniciou publicamente o seu trabalho mediúnico. Dezessete folhas foram preenchidas numa única noite, e o tema era o dever do cristão espírita. Em 1931, viu pela primeira vez o Espírito Emmanuel, que seria seu mentor por toda a vida.

O Compromisso — Três Vezes, Disciplina

O primeiro encontro com Emmanuel é uma das cenas mais conhecidas da história do Chico. O mentor perguntou se ele estava disposto a trabalhar com Jesus. O jovem respondeu que sim, desde que os bons Espíritos não o abandonassem. Emmanuel garantiu que não o deixaria desamparado, mas pediu algo em troca: trabalho, estudo e esforço no bem.

Quando Chico quis saber quais seriam os pontos básicos do serviço, a resposta veio sem rodeios. Primeiro: disciplina. Segundo: disciplina. Terceiro: disciplina.

O mentor anunciou também o tamanho da tarefa: trinta livros, para começar. O jovem, de família sem recursos, estranhou. Como pagar a publicação? Brincou que talvez o pai, que lidava com bilhetes de loteria, tirasse a sorte grande. Emmanuel respondeu que a maior sorte grande era a do trabalho com fé viva na Providência de Deus, e que os livros chegariam por caminhos inesperados.

Ele deixou ainda outra orientação, que o médium guardou pela vida inteira: se algum dia um conselho do mentor contrariasse Jesus ou Kardec, ele devia ficar com Jesus e Kardec. Não era o serviço de quem obedece sem pensar. Era o serviço de quem sabe a quem serve e por quê.

O Serviço — Os Livros que Não Eram Dele

Em 1932, a Federação Espírita Brasileira publicou o primeiro livro psicografado por ele, o Parnaso de Além-Túmulo. Quando saiu, críticos da época reconheceram nos poemas o estilo de poetas conhecidos, como se cada um deles tivesse deixado ali a sua assinatura. Depois vieram obras de centenas de autores espirituais, que somaram mais de 400 títulos em poesia, romance, crônica, história e filosofia, traduzidos para vários idiomas. Só os livros editados pela FEB venderam mais de 12 milhões de exemplares.

Entre elas estão os romances de Emmanuel, como Há 2000 Anos e Paulo e Estevão, e a série de André Luiz, que começa com Nosso Lar, algumas em parceria com Waldo Vieira. A psicografia era a mediunidade mais conhecida, mas ele exercia também a psicofonia, a vidência e a audiência.

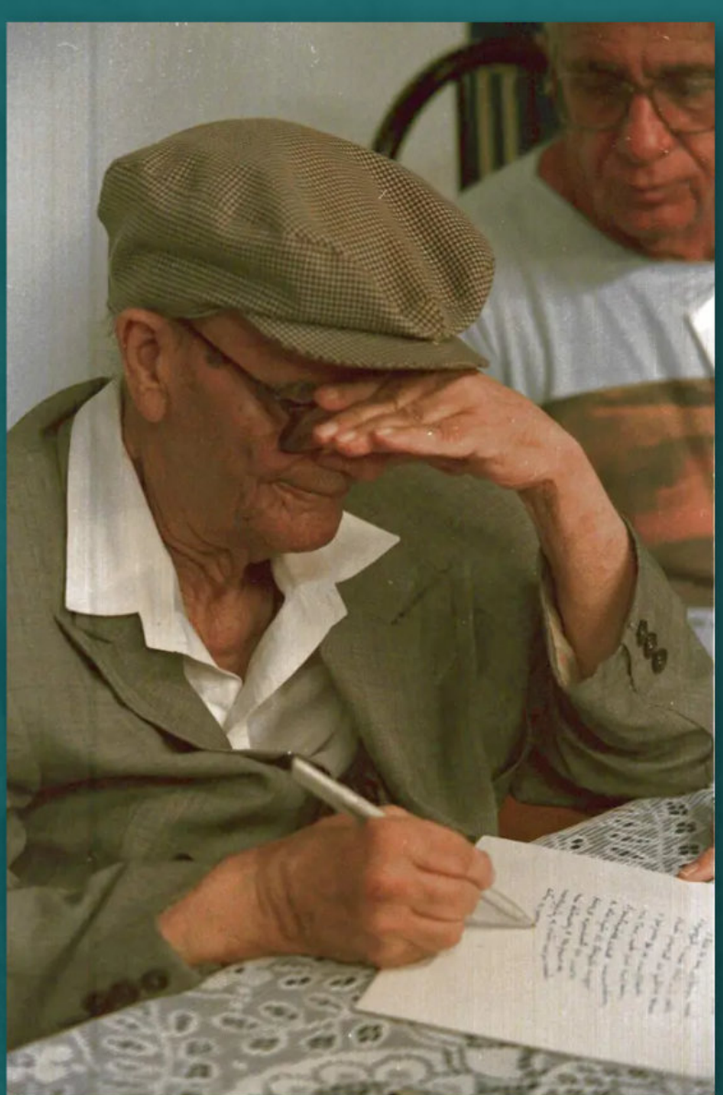
E o que mais impressiona não é o número, é o destino dele. Chico jamais tirou vantagem da mediunidade. Cedeu os direitos autorais a editoras e Casas Espíritas desde o primeiro livro. Dedicou os dias a quem chegava de longe com dor e necessidade, sem aceitar pagamento algum. Recebeu críticas duras e acusações, e respondeu a tudo sem atacar ninguém.

Quando completou quarenta anos de mediunidade, comparou-se a um charco que, pela misericórdia de Deus, se enchera de flores colhidas por muita gente que passava. Dizia que os livros pertenciam muito mais aos outros do que a ele. É um retrato raro de serviço sem vaidade: quem serve sabe que a obra não é sua.

O Retorno — Quem Nunca Deu Trabalho a Ninguém

Em 1959, ele mudou-se para Uberaba, onde viveu e trabalhou até o fim. Em certo momento da vida, perguntou a Emmanuel se a tarefa estava concluída. Foram sucessivas séries de trinta livros, e a resposta sempre era de que ainda havia trabalho. Ele aceitou, e continuou até o último dia.

Em 1944, a viúva do escritor Humberto de Campos levou à Justiça as crônicas que Chico recebera em nome do Espírito do marido. O caso foi muito comentado nos jornais, e a mãe do escritor chegou a declarar que reconhecia o estilo do filho. A ação foi julgada improcedente. Chico, que nunca fez da própria defesa uma disputa pessoal, seguiu trabalhando, e o autor espiritual passou a assinar-se Irmão X.



Em 30 de junho de 2002, desencarnou em Uberaba. Milhares de pessoas, de todas as idades e crenças, fizeram fila durante dois dias para se despedir. Mais de cem mil acompanharam o sepultamento, em silêncio.

No texto que Divaldo Franco psicografou no dia seguinte, há uma frase que resume a vida dele: “nunca se escusou a ajudar, mas nunca deu trabalho a ninguém.”

Neste mês de Outubro, em que a Jornada nos convida a Servir com Consciência, a vida de Chico Xavier nos lembra que servir bem não depende de grandes feitos. Depende de disciplina, de humildade e da certeza de que o trabalho que passa por nós não nos pertence. Quando o serviço é assim, ele deixa de pesar.

(Biografia adaptada com palavras próprias a partir de material da Federação Espírita Brasileira, incluindo a edição especial do Reformador, de julho de 2002.)

Alma da casa

Histórias de vida que constroem nossa história

Entrevista do mês



William

William da Corte

A COMPREENSÃO QUE SERVE

Há quem sirva por entender o porquê do que faz. O William é assim: observador, solícito e compreensivo, coordena a equipe com o coração e canta no coral da Casa. Chegou buscando acolhimento e ficou por entender que servir é um aprendizado que se divide.



William



Há trabalhadores que fazem do entendimento a sua forma de servir. O William é desses. Frequenta a Casa desde 2018, quando chegou em busca de acolhimento, e é voluntário desde outubro de 2022. Hoje coordena a equipe de terça, a equipe Chico Xavier, e canta no Coral da Casa.

Quem convive com ele descreve alguém muito dedicado, participativo e observador, sempre atento a como as coisas funcionam para fazer o melhor. Solícito e compreensivo com as dificuldades dos companheiros, ele diz que, para coordenar, é preciso entender o processo e querer que cada parceiro de trabalho esteja bem e faça o seu melhor. Mesmo com uma vida atarefada, está presente nos eventos, cursos e treinamentos da Casa, e conta que os cursos o fizeram melhorar em vários sentidos.

Neste mês em que a Jornada nos convida a Servir com Consciência, a história do William nos lembra que servir bem começa por entender o que se faz e a quem se serve. Quando o serviço é entendido, ele deixa de pesar.

1. A Origem:

Todo trabalhador tem um momento em que a espiritualidade toca o coração de um jeito especial. Como foi o seu encontro com o Espiritismo e o que o levou a se tornar voluntário na Casa, em outubro de 2022?

William: *Frequento a Casa desde 2018, quando minha esposa, descontente com as missas a que íamos, queria encontrar algo que acolhesse. Eu sou filho de português com baiana. Meu pai vem de uma família católica fervorosa; minha avó materna era da igreja evangélica "Deus é Amor"; e minha mãe sempre foi do catolicismo e fez eu e minha irmã trilharmos o caminho dos sacramentos. Fui batizado na igreja católica, fiz catecismo e crisma, mas nunca fui um católico assíduo. Sempre procurei a igreja quando não estava bem, ou para ir a um casamento, a um velório. Mas nunca deixei de acreditar em Deus.*

Em 2019, eu estava frequentando a Casa do Doutor para tratamento, e a Tati decidiu fazer o curso. Fiz um tratamento com o Dr. Antonio, cujo médium era o Cezar, e ele me ajudou muito com um esporão no pé direito. Impressionante: nunca mais tive. Acabei comprando o livro A Gênese e comecei a ler do fim para o começo (risos), sem entender nada. Aí veio a pandemia. A Tati iniciou o curso de médiuns, e eu, o de Espiritismo. Fiz duas aulas, e em 20/03/2020 começou a fase de isolamento, aquela coisa meio doida, atômica, e todo mundo tomou um rumo familiar, um momento de se preservar ou se esconder dessa doença doida.



Passou-se o tempo e, em 09/04/2021, lembro como se fosse hoje: caí da escada trabalhando e fiquei 15 segundos sem me mexer. Aquilo mexeu comigo, me fez pensar demais na ideia de não estar mais aqui, encarnado: uma mistura de medo com uma nova proposta. Mesmo assim, foi só momentâneo. Então, um ano depois, em abril de 2022, apareci com problema de pressão, 14 por 9. Fui pesquisar e, dali em diante, comecei a ficar depressivo, achando que era uma doença terminal. Me vi novamente com medo, mas também com uma nova proposta. Foi que decidi fazer novamente tratamento na Casa. Voltei e comecei a tratar com o Dr. Antonio. Um dia ele me falou que eu estava a ponto de começar uma depressão, que eu precisaria fazer uma terapia e que aquele era um problema que eu precisaria enfrentar. Me passou o item "Causas das aflições", do Evangelho segundo o Espiritismo, para ler, e pediu que eu lesse o Evangelho inteiro. Eu já vinha lendo, pois eu e a Tati praticávamos o Evangelho no Lar, quando, em um dos atendimentos, o Dr. Sampaio me disse estas palavras: "Filho, ficaria muito feliz se você trabalhasse com a gente." Esse convite foi como uma bênção. Fiz meu estágio no MN e fiquei encantado.

O Espiritismo mudou muita coisa na minha vida. Passei a enxergar as coisas por outro prisma. A Casa me acolheu com muito carinho, abriu um espaço e uma oportunidade para que eu sentisse, do fundo do coração, a importância de fazer parte de um grupo que trabalha por algo tão significativo e tão real.



2. O Serviço que se Entende:

Seus companheiros destacam que você é muito observador e quer entender como tudo funciona para fazer sempre o melhor. Neste mês, a Jornada fala de servir com consciência. Para você, o que muda no serviço quando a gente entende o porquê de cada coisa que faz?

William: *Então, tenho no meu pensamento que, para coordenar algo, é preciso entender o processo, e a Casa oferece essa condição. Quando coloco meu coração, a única coisa que penso é que cada um sabe o que fazer e, sim, quero que o meu parceiro de trabalho esteja bem e faça o seu melhor. Sou uma pessoa que gosta de se comunicar, gosta de estar a par e, claro, podem contar comigo. Quero que cada um veja o quanto é importante para esse grupo.*

3. A Compreensão:

Como coordenador da equipe de terça, a equipe Chico Xavier, você é conhecido por ser solícito e compreensivo com as dificuldades dos outros trabalhadores. Como você aplica a compreensão na hora de coordenar, e o que ela ensinou sobre liderar com o coração?

William: *Então, tenho no meu pensamento que, para coordenar algo, é preciso entender o processo, e a Casa oferece essa condição. Quando coloco meu coração, a única coisa que penso é que cada um sabe o que fazer e, sim, quero que o meu parceiro de trabalho esteja bem e faça o seu melhor. Sou uma pessoa que gosta de se comunicar, gosta de estar a par e, claro, podem contar comigo. Quero que cada um veja o quanto é importante para esse grupo.*

4. A Voz que Serve:

Além do trabalho na equipe, você também faz parte do Coral da Casa. O que cantar com os companheiros representa para você, e como a música se encontra com o serviço espírita?



William: *Fazer parte do coral da Casa é mais um desafio. Quando iniciamos, não pensei que fosse ter um rumo, mas essas guerreiras sempre dão um jeito, e estamos caminhando. A música tem um significado muito importante na minha vida. Sempre foi minha válvula de escape: quando estou tocando, cantando ou escrevendo algo, minha mente vai para outra dimensão. É algo de que gosto muito. No coral, cada mensagem encontrada nas frases das músicas nos faz pensar e, de repente, é isso: tocar a mente dos assistidos e fortalecer a nossa.*

5. Entre a Correria e a Casa:

Sabemos que sua vida é bastante atarefada, mas você sempre está disposto a participar de eventos, cursos, treinamentos e de tudo o que a Casa propõe. O que o move a abrir espaço para tudo isso?

William: *Se a vida nos dá espaços e oportunidades, por que não abraçar a causa? Sim, minha vida é muito atarefada, mas posso te dizer que é gratificante estar em aprendizado. Não sei se é um defeito ou uma qualidade, mas quero sempre estar fazendo por onde. Sou testemunha de como melhorei em vários sentidos,*

principalmente por causa dos cursos. Quando faço a harmonização, tenho que encontrar uma forma de me expressar, e compartilhar o Evangelho é gratificante. Trabalhar no grupo do MN e poder, como você diz, encaminhar nossos irmãos para o táxi é sensacional. Ali nós paramos para pensar e realmente enxergamos o que somos. O curso de doutrinação me deixou mais seguro. É muito importante entender o que se faz, e isso devo aos cursos que a Casa nos proporciona e aos nossos experientes parceiros de trabalho.



6. A Bússola:

Para o trabalhador que serve por hábito, por cansaço ou por obrigação e quer descobrir o serviço como expressão do que se é, que conselho de amigo você deixaria?



William: *Aprendemos no Espiritismo a policiar os pensamentos, a nos colocar no lugar do outro, enriquecendo a indulgência; a trabalhar com o bem e a fazer o bem, sabendo que podemos passar por problemas, mas que os problemas nos fazem reagir e nos tornam resilientes. Praticar o Evangelho, acolher quem precisa: tudo isso é pérola e faz muito sentido, no meu ponto de vista espírita. Nas harmonizações, costumo dizer que temos que passar pela matéria, mas que passar pela matéria não é só viver a matéria: é dividir a matéria com o espiritual, trazendo um real equilíbrio, com a consciência de que o nosso Reino não é deste mundo.*

Muito obrigado pela oportunidade de participar da Bússola, por poder trabalhar com vocês, por estar pronto e poder sempre aprender coisas novas. Um enorme abraço a todos os trabalhadores.

SECRETARIA INFORMA

Estamos de Volta!

A semente plantada no coração de uma criança floresce para a vida toda. Pensando nisso, nossa Casa retoma com alegria a Evangelização Infantil, um espaço acolhedor e carinhoso onde os pequenos, de 5 a 8 anos, dão os primeiros passos no conhecimento da espiritualidade de forma leve, alegre e amorosa.

Coloque seu filho agora mesmo! Esperamos você.

Evangelização Infantil

Sábados, encontros quinzenais | 09h30 às 12h | 5 a 8 anos





Participar é Fortalecer o Ideal

Para você, conhecimento é oportunidade de ajudar? O Departamento de Ensino abre a Oficina Prática de Harmonização, um espaço para quem quer aprender na prática, sem medo de tentar, e se preparar para servir com mais segurança e consciência.

A oportunidade que estava faltando para você pode estar aqui. As vagas são limitadíssimas, então acompanhe nosso perfil para mais informações: @casadrailton

Preparar-se para servir também é caridade.

Oficina Prática de Harmonização | Depto de Ensino | Vagas limitadíssimas

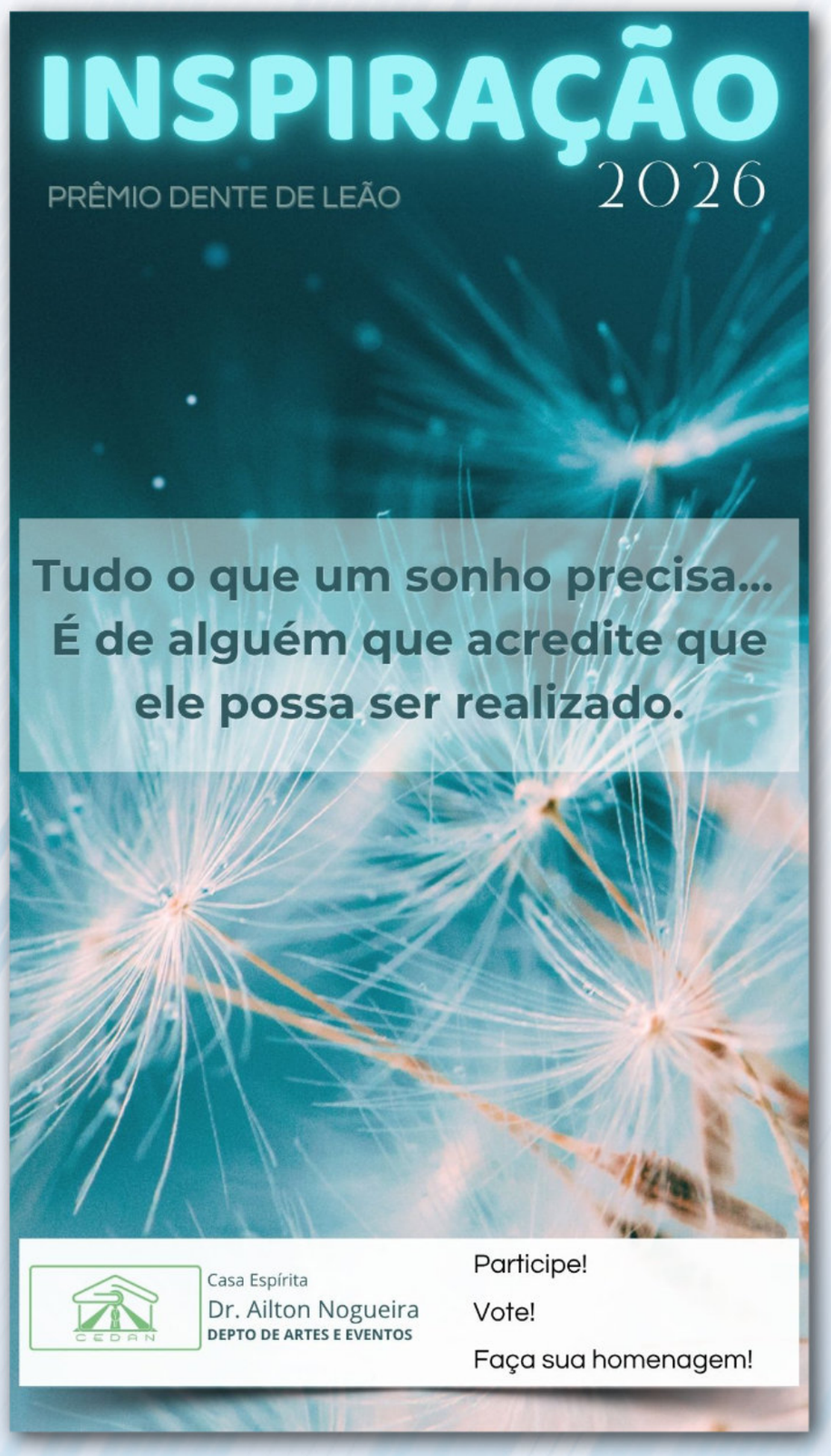
EVENTOS

INSPIRAÇÃO 2026 | Prêmio Dente de Leão

Tudo o que um sonho precisa é de alguém que acredite que ele possa ser realizado. O Prêmio Dente de Leão, do Departamento de Artes e Eventos, convida você a participar, votar e fazer a sua homenagem.

Assim como o dente-de-leão espalha suas sementes ao vento, o bem que fazemos também alcança quem nem imaginamos.

Participe! Vote! Faça sua homenagem!



ANIVERSARIANTES do mês!

OUTUBRO.2026

SAB
03

079 - GUSTAVO

SEG
05

031 - VICTOR

SEG
12



042 - WILLIAM

SEG
12

071 - ROSEANE

QUI
15

088 - VALERIA

SEG
19



049 - MARLY

TER
20

080 - MARI

Parabéns!

CEDAN